

Ora pois, pós

BERNADETTE LYRA

*A morte de Deus deixou os anjos numa
posição estranha.*

Donald Barthelme

A vanguarda (nome antipático, de extração militar) se sustenta sobre um feixe de nervos que são os eixos da arte moderna: a necessidade de ultrapassagem; o ímpeto de ir sempre mais longe; a paixão pela amnésia artística, as estratégias de grupo com seus manifestos, slogans e ismos e, sobretudo, a procura absoluta do novo.

Quando a sedução do novo já era, combinou-se rir ou, pelo menos, sorrir da vanguarda. A vanguarda finou-se - dizem alguns, antes loucos por ela. Assinaram o atestado de óbito, cuidaram do enterro, enviaram as flores de praxe. Já vai tarde - foi o fulminante epitáfio.

Os **ismos** - surgidos com o futurismo russo e italiano, depois surrealismo e dadaísmo, depois movimentos de ponta das décadas de 60 e 70 - foram se desmanchando como açúcar na chuva.

Agarrada à camisa das grandes utopias do século, a vanguarda desabou do telhado juntamente com elas. Algumas condições internas tiveram, também, a parcela de culpa: peças musicais feitas só de silêncio, **minimal art**, horas e horas e horas de um único plano cinematográfico, poesia de páginas em branco. Impossível ir mais longe. Entre a febre de uma estética da radicalidade e a indigestão de um fetiche, a vanguarda se auto-devorava no excesso da própria entropia.

E então, escritores, pintores, cineastas, dançarinos, arquitetos, músicos, enfim, toda a malta à deriva no mar da criação se viu ao desamparo.

Abolida a invenção, destronadas as revoluções, incinerados os mais caros sonhos de radicalização, que fazer?

Foi o quanto bastou para que a folia do termo pós-moderno, alegremente, se precipitasse como bola de fogo por cima de tudo.

Proliferando através de campos estéticos diversos, **pós-moderno** passou a designar os impulsos libertários que vieram após de desatarem os ascéticos laços da vanguarda em suas relações com a História.

O termo pós-moderno, tão vago e esquisito quanto o termo vanguarda, condensou uma lista de outros que não pegaram. O que é pós-moderno? indagava-se por toda a parte. Uma moda? Uma escola? Um movimento? Uma sensibilidade?

Liotard, o pai do bebê-monstro, aceitou em explicar. Publicou **O Pós-Moderno Explicado às Crianças**, uma série de cartas escritas de 1982 a 1985 onde esmiuçava a palavra. Por exemplo, a Jessamin Blau, dissecou o componente **pós**, concluindo que não significa “um movimento de **come back**, de **flash back**, de **feed back**, ou seja, de repetição, mas um processo em **ana**, um processo de análise, de anamnese, de anagogia, de anamorfose, que elabora um esquecimento inicial”.¹ Isso vem afinar uma posição com a qual o filósofo já flertava em 1977 (**Les Transformateurs Duchamp**) : com relação ao moderno, nem contra, nem substituição, mas sim a duração das transformações, ou seja, a emergência incessante do moderno, tendo em vista a aceleração mecânica de nossa época.

Muitos reencontraram no pós-moderno as virtudes acumuladas em algo do passado néo-clássico ou barroco. Outros, crua e banalmente, ao adotarem o termo, fizeram-no de anti-moderno. Não faltou a advocacia, ingênua ou maldosa, do pós-moderno como sendo justificativa de incoerências românticas a favor do “coração” e do “gênio” que a vanguarda, supostamente, teria desprezado, como se o trabalho e a técnica nada representassem, diante dos dotes pessoais do artista. E, na crise atual de cultura que nenhuma maquiagem estética consegue disfarçar, há mesmo quem já ria do nome pós-moderno como riu de vanguarda.

Esta é a face da cultura de hoje: “Estranha atmosfera, difusa, fantasmática, onde avançamos e nada parece avançar”.² Estamos diante de enigmas concretos e duros: Como ser pós-modernos e, ao mesmo tempo, evitar preconceitos anti-modernos? Como renegar a ruptura sem cair na armadilha da regressão? Como preservar a criatividade e a invenção se é preciso negar a radicalidade? Como escapar dos discursos retroativos, dos discursos denegadores, sem comprometer o amor à tradição? Como esquecer a vanguarda sem perder as conquistas de toda a modernidade?

As respostas exigem uma redefinição que parece distante daquela procurada por sistemas dogmáticos e movimentos de grupos totalizantes. Também não se atêm ao mito da pureza das artes ou a falácia do isolamento do artista.

Ao invés, nos campos criativos de hoje, atitudes individuais mais e mais se somam a uma estética da interação. Artistas deste tempo não hesitam em declarar-se promíscuos³, atuando através de empréstimos, transferências, contaminações, contatos e raptos.

Talvez seja uma questão de código. O código, hoje, não discrimina, permite assumir um gosto e uma liberdade sem submissões a premissas estéticas pré-delimitadas, ao mesmo tempo em que não privilegia uma escolha. O sentido não está nas entrelinhas (não há nada ali, a não ser os espaços em branco), está nas próprias linhas. O código do pós-moderno rejeitando as distinções entre ficção e verdade, passado e presente, relevância e irrelevância vai dizendo que vale o visto, o tocado, o escutado, o escrito. De fato, tão iconoclasta quanto o código da própria vanguarda. A única diferença : parece, pelo menos, que o pós-moderno não se sente tentado a ocupar o trono de Deus.

NOTAS

1. LYOTARD, J.F. *O Pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa, : Dom Quixote, 1987. p.97.
2. SCARPETA, Guy. *L'Impureté*. Paris, : Grasset, 1985. p. 18.
3. "De uma certa maneira, eu sou um 'híbrido'. O que sempre me interessou foi a literatura e a pintura". Peter Greenaway, cineasta, em entrevista a Philippe Pilard. Paris, Dis-Voir, 1987. p.94.